

IMAGEM E AGÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE ICONOGRÁFICA NO PERÍODO AMARNIANO

CAROLINA VELLOZA FERREIRA

Universidade de São Paulo/FFLCH-USP (programa de pós graduação em História Social); Mestrado em Andamento; Financiamento FAPESP – processo nº2015/09403-6

carolina.velloza.ferreira@usp.br

O período Amarniano foi definido pela egiptologia, não poucas vezes, como um parêntesis na história do Egito Antigo (HORNUNG, E., 1999; ASSMANN, J., 2001, LABOURY, D., 2011; apenas para citar alguns exemplos). Dentre as muitas possíveis mudanças que esse momento pode ter proposto, está a visível transformação que sua iconografia apresentou, redefinindo as configurações corporais do faraó e da rainha em manifestações andróginas e apresentando o deus Aton na forma de um disco solar com raios, não mais um deus antropozoomórfico (como parece ter sido evocado entre o final do reinado de Amenhotep III e o começo do governo de Akhenaton). Essas transformações, segundo C. Aldred (1973), teriam ocorrido entre os anos 4 e 12 de governo. A historiografia tradicional esteve definida por estudos cuja análise do discurso de textos é imperativa, define tudo aquilo que se conhece como verdade, que virá a se entender como verossímil. Esse tipo de apreensão da pesquisa histórica não é um acaso, deriva de nossas mentes moldadas por visões de mundo ocidentais e modernas. Visões de mundo que carregam, por vezes, preconceitos, nos legando estudos incompletos, vagos, sobretudo em sociedades nas quais a imagem ocupa um papel nevrálgico, como é o caso do Antigo Oriente Próximo e do Egito especificamente. No Egito, a imagem possuía um significado muito singular, ligado a sua natureza divina. A razão dessa afirmação encontra suas raízes na compreensão de um mundo que dava ênfase contínua à vida material e religiosa, um espaço onde não cabia distinguir um objeto de um evento, de um acontecimento, e nem a religião do resto da sociedade. Eram a mesma coisa. A vida material era ontologicamente equivalente à realidade (BAHRANI, Z., 2014), e, por isso, conectava-se aos anseios de aspirações individuais, longevidade cultural e aprendizados sociais. Privado desse panorama e inserido em um cenário negligente do mérito devido da imagem por nossas pesquisas, nossa comunicação visa justificadamente varrer a teoria dos estudos recentes que têm apontado, há mais de duas décadas, a necessidade latente da reconsideração das análises que fazemos sobre o assunto e de como conduzimos os exames da documentação proveniente desse período.

Palavras-chave: Período Amarniano; Iconografia; Teorias de análise da Imagem.

Abstract
II International Colloquium of the ancient Egypt and Near East
Universidade de São Paulo
2017

**IMAGE AND AGENCY: THE IMPORTANCE OF
ICONOGRAPHIC ANALYSIS IN THE AMARNA PERIOD**

CAROLINA VELLOZA FERREIRA

Universidade de São Paulo/FFLCH-USP (programa de pós graduação em História
Social); Mestrado em Andamento; Financiamento FAPESP – processo
nº2015/09403-6

carolina.velloza.ferreira@usp.br

The Amarna period was defined by Egyptology, not infrequently, as a parenthesis in Ancient Egypt's history ((HORNUNG, E., 1999; ASSMANN, J., 2001, LABOURY, D., 2011; for just a few examples). Among the many possible changes that this moment may have proposed, there is the visible transformation its iconography presented, redefining the pharaoh's and the queen's body configurations as androgynous manifestations and presenting the god Aton as a rayed form solar disc, no longer as an Anthropozoomorphic god (as he seems to have been evoked between the end of Amenhotep III's reign and the beginning of Akhenaten's one). These transformations, according to C. Aldred (1973), would have occurred between years 4 and 12. Traditional historiography was defined by imperative text's analysis, defining everything that is known as truth, all of that will come to be understood as verisimilitude. This kind of historical research's apprehension is not a coincidence, it stems from our Western and modern worldviews moulded minds. That vision of the world sometimes carry prejudices, leading us to incomplete, vague studies, especially in societies in which image plays a neuralgic role, as is clearly the Ancient Near East and Egypt's case. In Egypt, the image had a very singular meaning, linked to its divine nature. The reason for this assertion finds its roots in the understanding of a world that gave continuous emphasis to material and religious life, a space where it was not possible to distinguish an object from an event, or religion of the rest of society. They were the same thing. Material life was ontologically equivalent to reality (BAHRANI, Z., 2014), and, therefore, connected with the individual aspirations' yearnings, cultural longevity, and social learning. Deprived of this panorama, and inserted in a negligible scenario of the merit due to the image by our researches, our communication aims to sweep the theory of the recent studies that have pointed, for more than two decades, the latent necessity of analyses' reconsideration both on the subject and on how we conducted the documentation's examinations coming from that period.

Keywords: Amarna Period; Iconography; Image Analysis' Theories.